

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

17 e 24 de Novembro de 2025

## Midnight Mary / 1933

um filme de **William A. Wellman**

*Realização:* William A. Wellman *Argumento:* Gene Markey, Kathryn Scola, a partir da história de Anita Loos, “Girl Delinquent, Age 16” e Anita Loos, Jon Emerson, Robert Hopkins, William A. Grew, Lucien K. Hubbard [tratamento] (*não creditados*) *Fotografia:* James Van Trees *Montagem:* William S. Gray *Som:* Douglas Shearer (*registo, Western Electric*), James Brock (*mistura*) *Música original:* William Axt *Direcção Artística:* Stanley Rogers *Cenografia:* Hobe Erwin *Figurinos:* Adrian *Assistentes de realização:* Dolph M. Zimmer, Hobe Erwin *Interpretação:* Loretta Young (Mary Martin), Ricardo Cortez (Léo Darcy), Franchot Tone (Tom Mannering), Andy Devine (Travers), Una Merkel (Bunny), Frank Conroy (procurador), Warren Hymer (Angelo Ricci), Ivan Simpson (Tindle), Harold Huber (Puggy), Sandy Roth (Blimp), Martha Sleeper (Barbara), Charles Grapewin (empregado), Haliwell Hobbes (Churchill), Robert Emmett O'Connor (Charlie, o polícia), Louise Beavers (Anna), Robert Greig (Potter), Mike Donlin (guarda no Club Imperial), Otto Yamioka (proprietário chinês), Charles Sellon (guarda-nocturno), Bob Perry (empregado no Club Saraband).

*Produção:* Cosmopolitan Production para a MGM (EUA, 1932) *Produtor:* Lucien K. Hubbard *Direcção de produção:* J. J. Cohn *Cópia:* 16 mm, preto-e-branco, versão original em inglês legendada electronicamente em português *Duração:* 71 minutos *Estreia Mundial:* 14 de Julho de 1933, Capitol, Nova Iorque *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca:* 2 de Novembro de 1993 (“Redescobrir William A. Wellman”).

### Aviso e nota

**Actualmente o material disponível deste filme para projecção, a cópia 16 mm que vamos exhibir é composta por duas bobines, que não são montadas por se tratar de uma cópia de arquivo. A passagem entre elas é assinalada em projecção com alguns segundos a negro, correspondentes à respectiva ponta.**

**Originalmente escrito em 1993, o texto de Manuel Cintra Ferreira foi revisto e editado nesta ocasião.**

---

**Midnight Mary** é o terceiro filme de Wellman com uma das atrizes com quem mais trabalhou, Loretta Young. Ao todo foram quatro (só Barbara Stanwyck ultrapassou o número, com cinco filmes): **Heroes for Sale**, **The Hatchet Man**, **Midnight Mary** e **The Call of the Wild**. **Midnight Mary** é um dos últimos "gangster movies" (talvez seja melhor chamar-lhe "racket movies") de Wellman. Os tempos tinham mudado com a entrada em vigor do Código de Produção, e o programa do recém-eleito presidente Roosevelt apontava para o optimismo e para a luta pela recuperação económica, de onde se excluía, portanto, os heróis marginais. Ou acentuava-se a sua regeneração. A imagem do *gangster* dá lugar à do agente da lei interpretado pelos mesmos actores. O mais evidente sinal desta mudança será dado por John Ford em **The Whole Town's Talking** com o duplo papel de Edward G. Robinson (o *gangster* de maus-figados e o pacato cidadão) e por William Keighley em **G-Men**, com o ex-inimigo público James Cagney transformado em agente do FBI. **Midnight Mary** é já um filme com esses sinais de mudança, embora com outro tipo de personagem. Sobre Mary paira uma espécie de fatalidade nascida de uma infância miserável. Por uma série de dramas, equívocos (a carteira roubada), confusões e más companhias, a personagem vai progressivamente entrando na vida marginal. A constante resistência que põe a esse destino através de sucessivos empregos nada parece poder contra o fatalismo. Mesmo inconsequente, o "happy end" coloca o filme de Wellman dentro das novas tendências do cinema americano de então.

Mais uma vez Wellman utiliza uma narrativa "circular", agora com recurso ao *flashback* com o qual Mary evoca o seu passado, ao velho porteiro do tribunal, enquanto espera pelo veredicto de uma acusação de assassinato. Termina,

como começa, de novo na sala de audiências com o golpe de teatro da entrada em cena de Mannering (Franchot Tone), em duas cenas marcadas por uma economia de meios notável que coloca algumas questões. Se não vissem o logotipo da casa produtora a qual delas julgariam que o filme pertence? Todo o ritmo da montagem e o movimento interior das sequências aponta para a Warner. Ora, singularmente, a companhia é a MGM, a quem Zanuck "cedera" temporariamente Wellman (consequência de várias "jogadas" subterrâneas do velho "leão" Mayer no controle da recém-nascida 20th Century Fox), de novo nas boas graças do estúdio depois do conflito que levava à sua saída em 1926. É a MGM a fazer um filme "à Warner" ou, muito simplesmente, é o "estilo" de Wellman afirmado definitivamente neste estúdio que se impõe em qualquer outro? De novo a velha questão: há um "estilo" de Estúdio ou foram os realizadores (e produtores) que o fizeram, modificando-o de acordo com outras facilidades financeiras de estúdios mais ricos? Ford, Wellman, Walsh, Curtiz, e outros, todos passaram pela Warner e sendo, os filmes que assinaram, títulos que se identificam com o Estúdio são também obras onde se "vê" a marca pessoal de cada um, nos enquadramentos, no retrato dos personagens, até nas características físicas e na encenação da violência. E se neste último caso Wellman é um dos mais audaciosos directores de Hollywood do seu tempo (a brutalidade da agressão ao chefe de família em **Star Witness**) foi também um dos mais "experimentalistas". Toda a sequência inicial de **Midnight Mary** é sugestiva: uma massa confusa aglomera-se à porta da sala de audiências. O plano seguinte mostra-nos um punho que cai sobre a barra enquanto o acusador público lança o seu libelo. E o plano seguinte introduz-nos Loretta Young de forma magistral, mostrando apenas os seus olhos enormes que se destacam por cima da revista *Cosmopolitan* que a reproduz na capa. Também os *flashbacks* se fazem de uma forma pouco convencional. Na Biblioteca onde aguarda o veredicto, Mary contempla os volumes encadernados da legislação. A câmara faz uma panorâmica por eles e vai-se detendo nalgumas datas indicadas nas lombadas. Como que acompanhando esse movimento, a passagem de uma sequência para outra faz-se sempre através de barras em vez da tradicional fusão, mostrando-nos as diversas etapas da "carreira" de Mary desde os nove anos, no meio do lixo com a amiga, até à tragédia que a leva ao tribunal, com a fabulosa sequência da primeira prisão, e a vida dentro da cadeia. Pormenor curioso: as mesmas actrizes, Loretta Young e Una Merkel interpretam as "crianças" sem que nos apercebamos de muitas diferenças. Prodígio do cinema (lembramos que também Judy Garland já não era uma adolescente quando fez de Dorothy em **The Wizard of Oz**), mas também do saber de Wellman, que as filmou a uma certa distância e sem qualquer maquilhagem.

Falei de violência. Não que **Midnight Mary** seja muito forte neste ponto, mas torna-se evidente que nos filmes de Wellman bate-se muito... nas mulheres! Ou, pelo menos, que neles se usam argumentos mais "pesados". Digamos que, no fim de contas, se Wellman é menos "delicado" é por uma questão de "respeito", pois coloca a mulher ao mesmo nível do homem ripostando com as mesmas armas (basta recordar, entre outros momentos, os murros de Barbara Stanwyck e Carole Lombard nos seus "adversários" em **Night Nurse** e **Nothing Sacred**). E é por isso, pela diferença de tratamento de Wellman para com as mulheres (em comparação com os seus pares), que uma actriz como Loretta Young surge aqui com uma inusitada energia, uma força que nos surpreende. O estatuto de vedeta, porém, impõe algumas reservas. É sabido que Loretta escolhia os papéis de acordo com o guarda-roupa e impunha como condição o uso de frequentes *toilettes*. Daí que praticamente, e de forma mais ou menos inconcebível, a sua Mary se pavoneie em requintados vestidos e acaricie peles deslumbrantes.

Mas onde Wellman excela é na criação de "situações", ponto em que é, sem dúvida, um inovador. Basta ver uma sequência de **Midnight Mary**: a morte de Leo. Quando este descobre que ela procurava impedir a sua saída seduzindo-o, agride-a ferozmente. No chão, Mary apanha a pistola e mata-o. O corpo cai encostado à porta que os seus cúmplices do outro lado tentam abrir. O cadáver estremece com o movimento parecendo vivo, em sintonia com o estremecimento do corpo de Mary à beira do histerismo. É uma sequência tão forte e poderosa que por si só justifica todo o filme.